

CELEBRANDO A DISTINÇÃO:

Práticas rituais de formatura como espaço de legitimidade de uma escola para varões.

FERNANDO LEOCINO DA SILVAⁱ

Mais um ano chegava ao fim na escola da Rua Lauro Muller. Os alunos alvoroçavam-se durante a arrumação de seus pertences, na ansiedade das férias que iriam começar. Como todo final de período letivo, os pais foram chamados a comparecer na escola para as solenidades de encerramento do ano. No entanto, naquele de 1936 a expectativa era maior que as já habituais sessões solenes de entrega de premiação e despedidas dos alunos. Passados alguns anos da fundação do *Ginásio Diocesano*, em 25 de novembro de 1936 muitos dos olhares da região serrana de Santa Catarina (Brasil) voltavam-se para o a escola dos freis franciscanos. Sob a atenção das autoridades municipais da região, a escola estava em festa pela consagração da primeira turma de bacharéisⁱⁱ ginasianos. Um momento pelo qual alguns grupos serranos durante décadas aguardaram: por fim a escola ginásial ao colar o grau dos quintanistas (de ensino secundárioⁱⁱⁱ) conseguia lançar projeções para além de seus muros. Nesse dia, os padres franciscanos selavam sua obrigação ao entregar o “produto final” de um compromisso assumido anos antes, quando da fundação do *Diocesano*: ministrar a educação secundária aos filhos dos varões das terras serranas.

Na ocasião, os olhares estavam sobretudo nos quatro meninos-moços concluintes daquele ciclo de ensino que, já sem o seu habitual uniforme, substituído por um terno de gala, corporificavam a imagem do ex-estudante ginásiano e do novo integrante dos homens da sociedade^{iv}. Após cinco anos de convívio era chegada a hora de despedir-se. A formatura era o momento de conagraçamento por terem atingido os ideais propostos em um passado não muito distante, mas suficiente para transformar as brincadeiras da criança ingressa na primeira série ginásial em responsabilidades de futuro varão ao atingir o fim deste ciclo.

Algumas características deste dia incomum do *Diocesano* – discursos proferidos por alunos, missa na catedral diocesana com a presença do bispo, entrega de prêmios, uniformes de gala, canto-coral e presença de autoridades – levantam indícios de que essa era uma escola de

destaque. O *Ginásio Diocesano*, posto em funcionamento desde o ano letivo de 1931, era uma escola de educação secundária, confessional católica, privada e voltada exclusivamente para um público masculino. Era parte de uma ação que se ateve a preparar com caráter de *distinção* aqueles que em um futuro próximo tomariam espaços de poder nas terras da serra catarinense. Filhos dos fazendeiros e profissionais liberais era o público a que procurava conferir a instrução secundária na constituição e configuração dos futuros homens^v. Grandioso não era somente o ritual comemorativo, mas também o fim a que se destinava, fazendo alusão aos projetos de futuro tanto da elite econômica da região, bem como da Igreja católica que perdia espaço diante da chegada de novas formas de pensar o religioso da região.

Este trabalho tem como pano de fundo a ‘inovidável’ data de formatura dos primeiros bacharéis diocesanos. Neste dia estavam congregados elementos que ajudam a problematizar alguns delineamentos da escolarização efetivada pela Ordem franciscana – *Ordem do Frades Menores*. Tal dia será utilizado como partida para as discussões deste texto, que envolvem a efetivação da imagem de legitimidade conferida ao *Ginásio Diocesano*, em articulação com a problematização dos elementos projetados como de sua cultura escolar.

FONTES: a projeção de uma imagem.

As problematizações desta análise têm como base *documentos performativos* (textos que se constituem no fim que têm em si mesmos) como os impressos escolares. Neste sentido, a operação de análise histórica deve desmontar a construção do ‘documento-monumento’ (LE GOFF, 1990), que não deve ser visto como portador de verdade, mas procurado compreender nas suas condições sociais de produção. Assim, os documentos (escritos e iconográficos) precisam ser contextualizados e analisados num esforço de considerar as condições de sua produção histórica e de intencionalidade dos mesmos. O periódico escolar - *Ecos do Ginásio Diocesano*^{vi} - era os espaços de publicação e divulgação em que os franciscanos se esmeravam para propagar virtudes da instituição e reafirmar o quanto a escola merecia o título de *distinção*. Esta publicação atingia uma pequena parcela dos grupos sociais serranos, sobretudo as elites (era justamente aquela ligada a cargos públicos, à vida política, que possuía propriedades e, conseqüentemente, determinava os rumos da região). Portanto, o

público leitor era formado por aqueles que deveriam conhecer mais a fundo o projeto escolar dessa escola. Ao alardear os feitos do corpo escolar nas páginas jornalísticas, os dirigentes queriam conquistar pais que financiassem a escolarização secundária de seus filhos, mas também buscavam um (re)conhecimento social por parte desta população.

O trabalho de Roger Chartier sobre o conceito de ‘representação’ é de grande utilidade para entendermos o sentido das relações e lutas simbólicas desse processo de análise. Para ele, a representação é o produto do resultado de uma prática. Assim, a imprensa escolar, pode ser considerada uma representação, porque são produtos de uma prática simbólica que se transforma em outras representações. A representação do real, ou imaginário, é, em si, elemento de transformação do real e de atribuição de sentido ao mundo (CHARTIER, 1990). Esses documentos podem ainda ser entendidos e problematizados pelo seu poder simbólico na perspectiva de Pierre Bourdieu, como resultado da instituição de uma realidade a partir do poder de revelação e de construção exercido pela objetivação no discurso (BOURDIEU, 1989, p.116).

O foco de problematização desde artigo será colocado de forma particularizada sobre a publicação dos fins de 1936. Nela ganha destaque o ritual dos primeiros bacharéis diocesanos. Não somente nesta, mas de todos os eventos escolares, os que ganhavam maior atenção nos periódicos de publicação escolar eram os das solenidades de formatura ginásial. Neles, os formandos eram revestidos pela própria imagem da escola. Ganhavam destaque em todos os instantes transcorridos: na catedral, na recepção aos convidados, na colação de grau, na ocupação da tribuna de oratória.

Os rituais de formatura eram sem dúvida a solenidade que causava maior agitação na cidade, pelo que significava o término do ensino secundário naquele tempo. Como o único curso que dava acesso à universidade e uma das poucas instituições^{vii} a oferecer esse tipo de ensino em Santa Catarina, o *Ginásio Diocesano* procurava revestir o rito de instituição dos seus alunos como o momento auge de toda a formação a eles confiada. O corpo dirigente da escola aproveitava desses momentos para construir sua legitimidade diante do povo que participava

dos eventos, bem como de todos aqueles que teriam contato através das notícias veiculadas nos impressos escolares.

O momento da formatura era a ocasião para alardear os bons feitos, demonstrar o bom trabalho realizado no corpo e na mente desse alunado. Aquela formatura de 1936 guardava algumas características que, analisadas, ajudarão a problematizar parte da naturalização projetada pela escola que ajudava, dentre outras coisas a construir seu simbolismo como espaço formador de *distinção* perante seus expectadores.

O dia da formatura no *Ginásio Diocesano* foi preparado criteriosamente para a apresentação dos quatro protagonistas – os neobacharéis – que terminavam o ciclo de estudos e aprendizados assumidos anos antes pelos freis franciscanos. O momento era de espetacularização. Cada etapa do cerimonial deveria acontecer perfeitamente como planejada, afinal de contas era um momento ímpar para a construção da imagem da escola diante da ‘nobre e distinta seleção da elite lageana’ presente naquele ato. Elementos deste dia, cheios de inúmeras práticas rituais como a missa de ação de graças na catedral diocesana, a colação de grau no salão nobre da escola, a visitação aos espaços escolares, serão entendidos e problematizados como espaços protocolares que procuravam construir legitimidade ao projeto escolar *diocesano*.

OS FUTUROS VARÕES: os frutos da escola.

A publicação comemorativa do “*Ecos do Ginásio Diocesano*” de 1936 trazia já em sua folha de abertura a importância da solenidade realizada alguns dias antes. Descreviam o momento da ‘inolvidável’ data como :

Significa para nós [corpo escolar] uma auréola aos nossos labores insanos e decididos, de anos a fio. Significa o triunfo da firmeza, perseverança e intrepidez. E é também, ainda, prova de confiança e apreço, da parte de tantos queridos lageanos, para com esse seu estabelecimento de ensino secundário. A eles, pois, toda a nossa gratidão (SOLENE, 1936, p. 10).

Instalada desde 1931 com o curso preparatório para a primeira série ginásial, esse instituto de educação tinha no seu ‘imponente’ e ‘austero’ prédio na Rua Lauro Muller um lugar de

destaque na paisagem urbanística lageana, estando situado junto à catedral diocesana, à prefeitura municipal, ao *Grupo Escolar Vidal Ramos* e ao *Hospital Nossa Senhora das Graças*. O Ginásio era o mais novo empreendimento na formação educacional serrana. Grandiosa era não somente sua estrutura, mas também o fim a que se destinava, fazendo alusão a dois projetos. As elites serranas estavam preocupadas em não se verem ameaçadas no poder e em criar meios de manutenção de seu *status*. A Igreja católica, por sua vez, precisava criar meios de permanência no poder religioso da serra, a partir de uma reestruturação iniciada frente às novas formas de pensar o religioso que se faziam presentes na cidade de Lages^{viii}.

Desta maneira, é fundamental desnaturalizar o deslumbramento evidenciado pelo impresso escolar quando da formatura dos primeiros *Bacharéis em Ciências e Letras do Ginásio Diocesano*. O ‘brilhantismo’ da data solene estava em verdade colocado por ativar o motor de farol “esclarecedor”. Os formandos, neo-bacharéis, esclarecidos de suas posições e disposições, estavam prestes a concretizar as projeções das famílias e da Igreja, ambas envolvidas na constituição do estabelecimento secundário. Ali começava a se concretizar uma nova dinâmica social e um novo instrumento de (re)produção social para as elites serranas.

Estaria o *Ginásio Diocesano*, neste cenário, legitimado pela Igreja católica e pelas famílias fazendeiras com certa naturalização para a reprodução da ordem androgênica. Como isso acontecia? Aquela festa de formatura teria muito a nos contar. Os quatro neobacharéis em seus ternos e os ginásianos em seus uniformes de gala teriam muito a apresentar. Aquelas poucas horas iriam demonstrar como a educação oferecida pelos “padres marrons” buscava conferir à juventude uma ‘educação global’^{ix} para sua formação. Tendo presente esse cenário, as linhas que seguem têm o propósito de levantar alguns pontos de como é cuidada e projetada a corporificação no cotidiano escolar dessa educação dita de *distinção*, que procurava concretizar em seu alunado a naturalização do poder de seu berço. O Ginásio era apenas um breve tempo de preparação para quem foi “escolhido” para ser o varão do poder: “um varão para Deus e para a pátria”.

SABERES PARA A DISTIÇÃO.

O ‘inolvidável’ dia da formatura do *Ginásio Diocesano* foi preparado criteriosamente para a apresentação dos quatro protagonistas – os neobacharéis. O momento era de espetacularização. Cada etapa do cerimonial deveria acontecer perfeitamente como planejada, afinal de contas era um momento ímpar para a construção da imagem da escola diante da ‘nobre e distinta seleção da elite lageana’ presente naquele ato. Após a missa de ação de graças na catedral diocesana, os alunos foram incumbidos de recepcionarem seus pais e parentes para a solenidade de colação de grau. Do portão até o salão nobre os ginásianos apresentavam aos seus convidados as dependências do imponente prédio da ‘moderna’ escola secundária. Poderia o público visitar as instalações das ‘adequadas’ salas de aula, das salas reservadas ao museu de História, dos ‘instrumentalizados’ laboratórios de Química, Física e Ciências Naturais, da ‘organizada’ biblioteca, da ‘equipada’ sala de música, bem como do jardim-zoológico – o ‘Paraíso’ –, espaços esses antes conhecidos pela maioria apenas pelos registros nos jornais da cidade e nos impressos escolares. Com esse contato poderia o seletos público visualizar alguns contornos de como aquele projeto de *distinção* era colocado em prática.

Além dos próprios espaços, outros subsídios ajudavam na projeção dessa imagem. Podemos perceber alguns desses indícios nos diversos pronunciamentos do diretor da escola, naquele ano também nomeado paraninfo, padre Luiz Gonzaga Joaquim Maria Adams, nos discursos de despedida de cada um dos formandos, bem como no grupo de canto coral *Schola Cantorum* do Ginásio, que além do hino nacional elevou suas vozes para cantos em diversas línguas estrangeiras. Tudo, se pode assim entender, era voltado para a espetacularização do conhecimento que o corpo escolar procurava construir dentro dos muros da instituição. Muito podem nos dizer os excertos dos discursos dos neobacharéis selecionados e posteriormente divulgados nas primeiras páginas do *Ecos do Ginásio Diocesano* naqueles fins de 1936:

Foi neste estabelecimento que se dissipou em minha mente a **neblina da ignorância**, e que surgiu em todo o seu esplendor, o primeiro raio do fecundante **sol da Ciência e da Verdade**. Com o coração afetado de saudades despeço-me de meus presados mestres, agradecendo penhorado, os

seus ensinamentos benéficos e a excessiva gentileza com que sempre me acolheram. Mestres, sejam estas palavras o meu adeus. (Antônio Homero Ramos)

Traduzo nestas linhas o que sinto de reconhecimento e gratidão por aqueles que me guiaram pela senda **da Verdade e pelo caminho da Ciência**, cujos exemplos e ensinamentos procurarei jamais esquecer. (Belisário Ramos Neto)

Só agora, na hora da partida, depois de cinco anos de íntimo convívio, vejo quão dura é a separação. Mestres, meus guias espirituais, meus segundos pais, aqui ficam estas linhas como testemunhas de minha gratidão por vós, que fostes os primeiros a abrirem-me os olhos para a **Ciência e para a Vida**. Adeus, queridos mestres! Adeus! (Cândido Ramos Vieira)

Aproveito esta oportunidade, para, em despedida, agradecer de todo o coração aos meus queridos educadores, que tanto se esforçaram para me fazer palmilhar **o bom caminho**, honrando e recomendando sempre o estabelecimento que freqüentei. (Lauro Ribeiro Junior) (PALAVRAS..., 1936, p. 7) [grifos nossos]

Três dos trechos selecionados fazem referências à ciência como ‘caminho para a verdade’, para a ‘vida’. Percebemos tais depoimentos como forte indício daquilo que o corpo dirigente queria deixar como evidente. Para além, abrem-nos possibilidades para problematizarmos a cultura escolar desta escola. Que ciência é essa? Como os freis franciscanos trabalhavam o cotidiano escolar atrelando ciência e religião?

Outro elemento comum nos discursos publicados no *Ecos* daquele final de ano foi a aproximação entre fé e brasilidade, como evidencia o neobacharel Belisário Ramos Neto como orador oficial da turma de bacharelados:

Nós brasileiros, que trazemos em nossa alma o amor entranhado à nossa querida Pátria e a Religião dos nossos antepassados, estejamos sempre alertas, sempre unidos, trabalhando sempre para o **engrandecimento de nosso querido Brasil e para a glória de nossa Religião**. (RAMOS NETO, 1936, p. 15) [grifos nossos]

A busca de uma verdade científica atrelada a sentimentos patrióticos e religiosos parece estar na base daquilo que a escola procurava representar no seu impresso escolar. Estas nuances, para além, nos apontam o que os freis buscavam introjetar na construção do capital escolar de seus alunos.

A formação desenvolvida no *Ginásio Diocesano* pautava-se na idealização de armar moralmente o futuro herdeiro. Em um projeto de *distinção*, o acúmulo de saberes e habilidades estava imbricado em estratégias que visavam habituar os alunos, através das atividades curriculares, a um saber escolar tratado como conhecimento único, natural e ideal. Esta construção de verdade, “deduzida” através dos relatórios e impressos, estava muito atrelada à forma como as atividades escolares eram desenvolvidas. Espaços como os laboratórios de Química, Física e Ciências Naturais, as salas do museu de História, sala de Geografia, de música, a biblioteca e outros espaços sob o conjunto de um ‘ensino ativo’ ajudavam a estabelecer e concretizar um saber escolar que não abria precedentes para questionamentos. O aprendizado ali adquirido procurava não deixar espaços para a criticidade desse mundo construído pela moral católica. Assim, a educação de *distinção*, sob a perspectiva da ‘educação global’, ao mesmo tempo em que preparava os futuros herdeiros para a resistência ao mundo moderno a partir do lançamento da bases de uma pedagogia “conservadora” mas racionalmente instrumentalizada, legitimava a transmissão das posições sociais pelo “bom desempenho” do currículo, também naturalizando que, ao término do curso ginásial, teriam conquistado essa posição social e, por isso a “mereciam”. A relação, portanto, entre os discursos dos alunos atrelada as visitas que o público posteriormente faria (ou acompanharia nos *Ecos*) davam créditos a projeção de uma imagem de legitimidade da escola.

CHEGARAM AO FIM? É PORQUE FORAM MERECEDORES!

Eram sobre os merecedores que o corpo dirigente procurava construir a imagem do *Ginásio Diocesano* como escola formadora de *distinção*. Toda uma cultura escolar com base nos méritos do alunado circulava pelos afazeres cotidianos da escola. Aqueles que escreviam as mais bem feitas dissertações, que se destacavam na arte da oratória, que ficavam em primeiro lugar nas competições estudantis e que figuravam com as mais altas notas nas provas e trabalhos curriculares eram vistos como o exemplo, anunciados e alardeados nos jornais e eventos públicos da escola, que os representava como signos de sua formação de *distinção*.

No momento ritual da formatura não era diferente. O formando era usado como exemplo a ser seguido pelos colegas ginásianos que ali ficavam. Os ‘folguedos de alegrias’ daqueles que ora terminavam deveriam servir de inspiração para os que continuavam no caminho cujo fim se daria com a “sonhada” despedida na formatura. A presença desses era obrigatória, como reza o *Regulamento Escolar* em seu 7º artigo:

Deverão assistir a todos os atos solenes do Colégio, proclamações dos resultados mensais, e sempre que receberem para esse fim convite da Diretoria. (REGULAMENTO, 193[?], p. 5)

Para os alunos que terminavam era o momento de glória. Ao completarem aquele ciclo estavam aptos a assumir posições a eles projetadas por eles mesmos e sobretudo por seus familiares. Ao colarem o grau deixavam de ser estudantes/ginásianos, e passavam a assumir o título ora instituído: *Bacharel em Ciências e Letras*. A formatura, o rito de instituição e de consagração pelo qual solenemente atravessavam, instaurava uma divisão fundamental, uma linha entre aqueles que possuíam o título e os outros, como afirma Pierre Bourdieu (BOURDIEU, 1998, p. 97-106). O rito consagra a diferença entre o antes e o depois. O aluno consagrado ao receber o título passava a ter uma outra representação na sociedade. Não mais como estudante, na formatura já estava sem o seu habitual uniforme, caracterizando-se como homem em seu terno de gala. Dele eram esperadas atitudes requeridas e representativas de um bacharel naqueles tempos.

A cada ano, a partir de 1936, as pompas das solenidades de formatura eram repetidas, o número de bacharéis formados pelo *Diocesano* ia crescendo e, cada vez mais, a escola franciscana ia consolidando-se como espaço de *distinção*. Parte desse imaginário se dava pela trajetória que os alunos percorriam após o fim do ciclo ginásial^x. O caminho parecia natural, conforme é registrado no *Ecos do Ginásio Diocesano*:

Despedidos estão os recém-formados. Esta terminada a primeira etapa de vida. Entrem eles, agora, em **nova arena**, onde a luta se tornará, quiçá, mais árdua, mas irão se apresentar com o cunho aqui impresso. Seja-lhes ele sempre de honra, nunca de ingloria (SOLENE..., 1936, p. 11) [grifos nossos]

No mesmo contexto, um dos neobacharéis evidencia:

O que aprendemos nesta casa vai projetar para fora dela, no incitamento e no estímulo, que nos é feito ao coração e á inteligência, para que não interrompamos a viagem feliz (...) Eis chegado o dia por nós tão almejado. Deixaremos hoje o doce convívio de nossos mestres para **breve ingressarmos nas academias** (RAMOS NETO, 1936, p. 15) [grifos nossos]

Como o esperado, os quatro formandos da primeira turma adentraram sem maiores obstáculos na universidade: três deles rumaram a Curitiba, onde, na *Universidade do Paraná*, dois cursaram Direito (Antonio Homero Ramos e Candido Ramos Vieira) e um o curso de Química Industrial (Lauro Ribeiro Junior). Na *Universidade de Porto Alegre* ainda teve a presença na lista de aprovação do vestibular Belisário Ramos Neto, que adentrava em Medicina Veterinária.

A grande maioria dos egressos do *Ginásio Diocesano*, no período de análise desta pesquisa (1931/42), continuou seus estudos, freqüentando cursos superiores e, em menor grau, as Academias Militares. De quarenta e seis alunos cuja trajetória foi pesquisada uma porcentagem de 60% (28) cursou o ensino superior e 13% (06) seguiram a carreira militar (SILVA, 2005, p. 75-90). Esses alunos ganhavam destaque nos periódicos escolares e mesmo longe da escola há anos continuavam sendo revestidos das estampas de um dia terem sido alunos *diocesanos*. A despedida não sugeria o total apagamento da imagem dos agora ex-alunos já que mesmo longe o corpo dirigente da escola continuava a olhar atento aos desdobramentos das suas vidas, por uma razão importante, como foi escrito:

Ide, ide, dizemos nós que aqui permanecemos, ide, e, com coragem, trilha a **senda que vos abre**. Entrai, com garbo, na arena, eis que **os olhares de muitos pairam sobre vós**. Os mestres, que ficam, esperam lhes fareis honra. **Os colegas olhamos para vós, inspirando-nos em vosso exemplo**. (QUE..., 1936, p. 6) [grifos nossos]

A ‘senda que vos abre’ era o novo caminho, a nova etapa a percorrer, agora um pouco mais distante das paredes da escola franciscana. O caminho de sucessos desses ex-alunos recebia destaque nas páginas do *Guia Serrano*, principalmente. Suas trajetórias familiares e profissionais vinham no intuito de lembrar a todos o quanto o *Diocesano* foi importante para o desenrolar daquela vida de prestígio. Aos alunos ainda sob os cuidados dos franciscanos,

como bem lembra o excerto acima, o exemplo da vitória de todos os que com dedicação e méritos conquistaram o sucesso.

A DISTINÇÃO DOS VITORIOSOS: a imagem construída sobre poucos.

O trabalho parecia bastante simples. Mas não era. A chegada até o final daquele ciclo de ensino era um caminho cheio de dificuldades. O número reduzido de formandos resultava de uma seleção bastante severa realizada no cotidiano escolar. Para os que conseguiam o êxito, quanto menor o número de 'laureados', maior seria o seu prestígio e legitimidade diante da sociedade. As boas oportunidades pareciam ser naturais no caminho que se iniciava ali, já que o formando havia provado, ao terminar aquele ciclo, que pelos seus méritos era vencedor. Orgulhosos estavam o corpo dirigente da escola, os pais e evidentemente os neobacharéis. Esses eram os mais requisitados por todos durante a solene formatura:

Por entre um não acabar de abraços e congratulações, já se ouviam aqui, acolá e mais além, vozes de quem anhelava soasse também para êle a mesma hora feliz. Atraíam **um quê de sincera admiração e ciúme**, emoções aliás bem compreensíveis e justificadas (SOLENE..., 1936, p. 10)

O 'ciúme' descrito no impresso poderia ser sentido e dirigido a um público leitor que não pôde compartilhar aquele momento. Era um sem número de alunos e famílias que haviam feito projetos e visualizado tal comemoração, mas estavam distantes daquela realidade. Os que haviam fracassado, os que não conseguiram completar aquele ciclo. Para os que terminavam, o diploma representava a certificação do caráter íntegro conferido pela escola. Aos que abandonavam o Ginásio, o estigma do fracasso, restando à volta para casa e a busca de outros rumos para suas vidas.

Mas não somente aquele final de ano de 1936 era de tristeza e desapontamentos para muitas famílias. Além da segregação inicial, após o *exame de admissão*^{xi}, uma segunda e mais rígida fase era a de acúmulo do capital escolar exigido pelo corpo docente da escola. Após a entrada, ano após ano, o número de alunos por turma diminuía. A maioria dos ginásianos ficava pelo

caminho e não tinha a possibilidade de ingressar nas universidades, bem como nas ambicionadas carreiras públicas de destaque. Percebe-se claramente tamanha era a seletividade dessa escola, uma vez que formava apenas um aluno a cada quatro que passavam no *exame de admissão*. No período que engloba esta pesquisa adentraram no *Diocesano* 234 alunos, formando apenas 58, em uma média de sete alunos por ano. Fatores como esse, além da cobrança de altas mensalidades, levam a compreender que o ensino secundário franciscano se caracterizava como elitista – para poucos.

Para aqueles que foram capazes de enfrentar a seleção da educação de *distinção*, o momento-auge proporcionado pelo *Ginásio Diocesano* era o recebimento do título de *Bacharel em Ciências e Letras*. Como se teve no exemplo dos neobacharéis de 1936 o fim do curso e o diploma recebido representavam uma espécie de certificação do seu caráter íntegro. Ao conseguirem se “apropriar” do conhecimento escolar projetado pela instituição religiosa, os alunos estavam habilitados a ocuparem a franja superior de diversos mercados, fosse ele o profissional a ingressar diretamente nas carreiras ligadas ao comando dos cargos governamentais, funcionalismo público, casas comerciais, indústrias, Igrejas e associações culturais, com ou sem o diploma universitário, assim como em associações matrimoniais com moças de boas famílias (SILVA, 2005, p. 75-90).

O ritual de saída era o momento da consagração da diferença. Chamados por Pierre Bourdieu de ritos de instituição ou de legitimação, as formaturas e as colações de grau, entre várias outras solenidades sociais, objetivam fazer alguém ver o que ele é e ao mesmo tempo como deve se comportar em função de tal identidade. Esse ritual comunicava à pessoa investida em sua identidade que, em função de sua suposta “essência”, eram cobrados comportamentos adequados para os detentores daquele título. O ritual tão aguardado pelos alunos, bem como pelas suas famílias, atribuía-lhes uma competência, dando-lhes uma definição social, uma identidade, um novo posicionamento na sociedade (BOURDIEU, 1998, p. 99-100), já sem o seu antigo uniforme escolar, com o seu terno que passaria a ser o habitual. Se chegaram ao fim do ciclo era porque supostamente atenderam ao projeto de disposições, por isso eram merecedores da posição que conquistaram.

AINDA, algumas palavras...

Para além da importância dos momentos rituais da formatura, dos olhares que convergiam aos neobacharéis se faz importante problematizar a maneira como o impresso escolar – *Ecos do Ginário Diocesano*, apresentava estes protagonistas do dia. Este periódico atingia apenas parte da população serrana dos que liam, escreviam e votavam. Os mais abastados desta sociedade deveriam ser o público leitor, a quem deveria conhecer mais a fundo o projeto escolar. Ao mostrar o ritual escolar da formatura os dirigentes do *Diocesano* buscavam difundir ideias legítimas sobre o Ginásio para uma população abastada que financiava a escolarização secundária. Procuravam, neste sentido, também o (re)conhecimento social por parte desta população que atrelava simbolicamente o Diocesano a um espaço de formação distinta.

Assim, o periódico escolar servia como tribuna para a divulgação das ideias, atividades, programas e representações do projeto escolar católico dessa instituição escolar compreendendo a imprensa escolar como representação de uma prática simbólica de legitimidade. Assim, não se quer tomar os textos publicados como documentos que retratam uma realidade, mas sim como discursos que são construídos pelos dirigentes com determinado interesse e que, ao mesmo tempo, são construtores de imagens e de sentidos para aquela sociedade. Era este um dos espaços de publicação e divulgação em que os franciscanos se esmeravam para propagar virtudes da instituição e reafirmar o quanto a escola merecia o título de *moderna*, de *distinção*. A espetacularização do ritual de formatura e a apresentação dos bacharéis revestidos simbolicamente pela própria imagem da escola, congregam elementos muito significativos num momento ímpar para a construção desta representação.

REFERÊNCIAS:

BITTENCOURT, C. F. (1993) *Livro didático e conhecimento histórico: Uma história do saber escolar*. Tese (Doutorado em História), Universidade de São Paulo, São Paulo.

BOURDIEU, P. (1989) *O poder simbólico*. Lisboa: Difel.

BOURDIEU, P. (1998) *A economia das trocas lingüísticas; o que falar quer dizer*. São Paulo: Edusp.

BRASIL. (1940) Ministério da Educação e Saúde Pública. Departamento Nacional de Educação. Divisão de Ensino Secundário. *Portaria nº479*. Dispõe sobre o exame de admissão. Rio de Janeiro: [s.n.], 30/11/1940.

CHARTIER, R. (1990) *A história cultural: Entre práticas e representações*. Lisboa: Difel.

DALLABRIDA, N.; SILVA, F. L.; ROSA, M. S. (2004) O Ginásio Lagunense e a produção de sujeitos letrados e laicos entre as décadas de 1930 e 1960. In: SOUZA, Rogério Luiz de; KLANOVICZ, Jô (org.). *História: trabalho, cultura e poder*. Florianópolis: ANPUH/SC; PROEXTENSÃO/UFSC.

ÉPOCA de inscrições e exames (1939). *Guia serrano*. Lages, nº101, 05.fev.

LE GOFF, J. (1990) Documento/monumento. In: *História e memória*. Campinas: UNICAMP.

Ó, J. R. do. (2003) *O governo de si mesmo: Modernidade pedagógica e encenações disciplinares do aluno liceal (ultimo quael do século XIX – metade do século XX)*. Lisboa: EDUCA.

PALAVRAS de despedida e agradecimento (1936). *Écos do Ginásio Diocesano*. Lages, dez.1936.

QUE nos deixam, Os (1936). *Ecos do Ginásio Diocesano*. Lages, dez.1936.

RAMOS NETO, B. (193[?]) Discurso do orador da turma. *Écos do Ginásio Diocesano*. Lages, dez.1936.

REGULAMENTO a ser observado pelos alunos externos 193[?]. *Caderneta colegial*. Lages: Colégio Diocesano.

SILVA, F. L. (2005) *Varões para o futuro: O Ginásio Diocesano e a reafirmação das elites da serra catarinense (1931-42)*. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em História), Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis.

SILVA, F. L. (2008) *Projetando varões: o Ginásio Diocesano e a educação secundária masculina da serra catarinense (1931-42)*. Dissertação (Mestrado em Educação), Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis.

SOLENE encerramento do ano letivo. *Ecos do Ginásio Diocesano*. Lages, dez.1936.

VALLE, I. R.; DALLABRIDA, N. (2006). A escolarização média numa perspectiva sócio-histórica. In: VALLE, I. R.; DALLABRIDA, N. (org.). *Ensino médio em Santa Catarina: Histórias, políticas, tendências*. Florianópolis: Cidade Futura.

ⁱ Professor de História do Ensino fundamental (anos finais) e médio do Colégio de Aplicação e Professor Supervisor de Prática de Ensino de História – UFSC. Mestre em Educação/UFSC

ⁱⁱ Ao concluir o primeiro ciclo do curso ginásial os alunos recebiam a título de *Bacharel em Ciências e Letras*.

ⁱⁱⁱ A escolarização secundária, nesse momento histórico, era o único nível de ensino que habilitava para o ingresso nos cursos superiores, enquanto os cursos técnico-profissionais e o normal preparavam para o ingresso imediato no mercado de trabalho. (VALLE e DALLABRIDA, 2006, p. 19). O ensino secundário representava um meio de preservar privilégios e manter a separação entre a elite identificada com um mundo branco europeu e o restante da população, composta de mestiços, negros e índios. Eram cursos reservados a alunos em condições econômicas favoráveis, conservando-se sempre como um curso pago, além de ser um curso exclusivamente reservado aos jovens do sexo masculino (BITTENCOURT, 1993, p. 58).

^{iv} A escolarização secundária trata-se, nesse âmbito, de um período bastante importante, ao considerar que o aluno adentra esse ciclo de ensino aos 11 anos e termina aos 17, período que diz respeito à transformação da criança em “homem formado”. Tempo para afirmar sua masculinidade, construir relações, edificar enlacs e firmar importantes contatos para o seu futuro. Tempo de desenvolver e implementar estratégias (quase sempre inconscientes) que garantam sua posição num espaço social viável (SILVA, 2008, p.24).

^v O projeto do *Diocesano* foi organizado visando um tipo de clientela pré-determinada. Primeiramente deveria atender filhos de fazendeiros e, depois, filhos de profissionais liberais, comerciantes e funcionários públicos que investiam nas escolarizações e tinham condições de manter as mensalidades aos seus descendentes. Portanto, poucos teriam acesso à escolarização dos freis franciscanos. Era essencial às famílias condições financeiras razoáveis, o que a tornava uma instituição voltada às frações de classe média e às elites da região. O investimento familiar, visando ampliar o capital escolar de seus filhos, permitiria a projeção da manutenção ou a ascensão a níveis mais elevados da pirâmide social.

^{vi} Este periódico tem sua origem na própria escola, sendo usado como espaço da divulgação das principais atividades escolares cotidianas. Não conta com regularidade de publicação, com número certo de páginas, nem com um único suporte de impressão. Nesses impressos foram publicadas matérias escritas pelos alunos das diversas séries ginásiais, bem como pelo corpo docente e dirigente da escola, sobre os mais diversos assuntos, como lazer, curiosidades, história, formação moral, atividades esportivas, culturais e religiosas que tivessem sido organizadas ou que contassem com participação do corpo escolar, explicitada por minuciosa ‘Crônica’ das atividades. Encontramos neles uma série de imagens selecionadas dos espaços escolares e do dia-a-dia do alunado. Como sugere seu título, o leitor encontraria ali “eco” - palavra definida como fenômeno físico que se manifesta pela repetição dum som, proporcionando o contato com um cotidiano escolar “tal qual” acontecia.

^{vii} Até o ano de 1942 haviam sete ginásios oficializados – isto é, equiparados ao *Colégio Pedro II* – em Santa Catarina: *Ginásio Catarinense* e *Ginásio Coração de Jesus* (Florianópolis), *Ginásio Lagunense* (Laguna), *Ginásio Bom Jesus* (Joinville), *Ginásio Barão de Antonina* (Mafra), *Ginásio Aurora* (Caçador), *Ginásio Santo Antonio* (Blumenau) e *Ginásio Diocesano* (Lages). Como se percebe, as principais cidades catarinenses passaram a ter instrução secundária, verificando-se um processo de interiorização desse nível de ensino, levando em conta que seis dos oito ginásios localizavam-se fora da capital catarinense (DALLABRIDA, SILVA e ROSA, 2004, p. 128).

^{viii} A Igreja católica aparecia como a reserva moral legitimada pela sociedade, a partir de um esforço para criar na escola um espaço que associasse formação moral e religiosa dos meninos – voltada portanto aos “futuros varões”. A “iniciativa” do bispo Diocesano de fundar uma escola de educação secundária na cidade estava ligada a três fatores: a política de reestruturação e expansão da Igreja católica ainda ligada ao processo de romanização, a uma situação de ampliação do poder da Igreja presbiteriana e da necessidade da elite (em crise econômica pela desestabilidade da economia fazendeira) de educar e socializar os filhos de forma que desde pequenos naturalizassem uma corporificação de mando e uma inclinação ao exercício do poder.

^{ix} Esse termo é usado pelo português Jorge Ramos do Ó ao esclarecer que a instituição secundária deve ocupar-se da formação acadêmica e moral do aluno, visando, assim, a preparação adequada a sua entrada na idade adulta (Ó, 2003, p. 165)

^x A maioria das famílias que investia na escola dos freis possuía um capital econômico que dava possibilidade de prosseguirem nos estudos de seus filhos nas academias universitárias, ainda que essas funcionassem somente em centros urbanos distantes, como Porto Alegre, Curitiba e Florianópolis.

^{xi} Exame pelo qual qualquer candidato a entrar no Ensino secundário deveria ser submetido. Existiam dois tipos de avaliações: escritas e orais. Contavam as seguintes matérias: português, matemática, geografia, história do Brasil e ciências. As provas de português e matemática são eliminatórias (ÉPOCA..., 1939, p. 15), não podendo prestar exame oral o aluno que obtivesse nota inferior a 50 – numa escola de 0 a 100 – em qualquer das disciplinas. As provas orais tinham como objetivo apurar o grau de desenvolvimento da linguagem expressiva do candidato (BRASIL..., 1940, s/p).